

A MEDIAÇÃO IMPLÍCITA E EXPLÍCITA DA INFORMAÇÃO E A SUA RELAÇÃO ANTROPOLÓGICA SOB UM VIÉS FENOMENOLÓGICO

Wallace Bertoli MoreiraBibliotecário da Prefeitura de Vila Velha
wbertoli0@gmail.com**Meri Nádia Marques Gerlin**Universidade Federal do Espírito Santo
merinadia@hotmail.com**Gleice Pereira**Universidade Federal do Espírito Santo
gleiceufes@gmail.com

Resumo

Este artigo objetiva compreender a essência antropológica dos conceitos de mediação implícita e explícita, principalmente, com base nas pesquisas de Oswaldo Francisco Almeida Júnior sob um viés fenomenológico. Trata-se de uma pesquisa teórica e bibliográfica de caráter exploratório-descritivo, com uma abordagem qualitativa e procedimento metodológico baseado na construção do conhecimento científico produzido por Telma Cristiane Sasso de Lima e Regina Célia Tamasso Mioto que consubstanciam três fases de análise da pesquisa: investigação das soluções, análise explicativa e síntese integradora, tendo como referencial teórico o que foi produzido por pesquisadores, como Oswaldo Francisco de Almeida Júnior, Sueli Bortolin, João Arlindo dos Santos Neto, Angela Ales Bello e Giovanni Reale. No processo de pesquisa, percebe-se a manifestação do fenômeno estudado de forma teórica pela pesquisa bibliográfica e pela prática exemplificada por meio de relato de contexto didático-pedagógico de estudo de lendas, como ação cultural que se manifesta em uma essência antropológica, pois tanto a mediação da informação, quanto a informação só possuem sua existência e a manifestação fenomenológica do seu ser em uma vivência informacional na interação de pessoas humanas, nos sujeitos envolvidos no processo da mediação da informação. O fenômeno da mediação da informação é apreendido mediante a vivência fenomenológica como um ato antropológico. O trabalho possibilitou identificar o estudo da mediação da informação a partir da análise e da incorporação de elementos da Antropologia Filosófica e da Fenomenologia, compreendendo que o centro das ações informacionais é a pessoa humana. A pesquisa poderá contribuir para o processo de ensino-aprendizagem nos campos da Ciência da Informação e da Biblioteconomia, bem como no desenvolvimento dos processos de mediação da informação para novas e futuras pesquisas.

Palavras-chave: Mediação da informação. Mediação implícita. Mediação explícita. Fenomenologia. Antropologia filosófica.

THE IMPLICIT AND EXPLICIT MEDIATION OF INFORMATION AND ITS ANTHROPOLOGICAL RELATIONSHIP UNDER A PHENOMENOLOGICAL BIAS

Abstract

This article aims to understand the anthropological essence of the concepts of implicit and explicit mediation, mainly based on the research of Oswaldo Francisco Almeida Júnior under a phenomenological bias. This is a theoretical and bibliographical research of an exploratory-descriptive nature, with a qualitative approach and methodological procedure based on the construction of scientific knowledge produced by Telma Cristiane Sasso de Lima and Regina Célia Tamasso Mioto that substantiate three phases of research analysis: investigation of solutions, explanatory analysis and integrative synthesis, having as a theoretical reference what was produced by researchers, such as Oswaldo Francisco de Almeida Júnior, Sueli Bortolin, João Arlindo dos Santos Neto, Angela Ales Bello and Giovanni Reale. In the research process, we can see the manifestation of the phenomenon studied theoretically through bibliographical research and through practice exemplified by means of a report of the didactic-pedagogical context of studying legends as a cultural action, which manifests itself in an anthropological essence, since both the mediation of information and information only have their existence and the phenomenological manifestation of their being in an informational experience in the interaction of human



Esta obra está licenciada sob uma licença

Creative Commons Attribution 4.0 International (CC BY-NC-SA 4.0).

beings, in the subjects involved in the process of information mediation. The phenomenon of information mediation is apprehended through the phenomenological experience as an anthropological act. The work made it possible to identify the study of information mediation from the analysis and incorporation of elements of philosophical anthropology and phenomenology, understanding that the center of informational actions is the human person. The research may contribute to the teaching-learning process in the fields of Information Science and Library Science, as well as in the development of information mediation processes and for new and future research.

Keywords: Information mediation. Implicit mediation. Explicit mediation. Phenomenology. Philosophical anthropology.

LA MEDIACIÓN IMPLÍCITA Y EXPLÍCITA DE LA INFORMACIÓN Y SU RELACIÓN ANTROPOLÓGICA BAJO UN SESGO FENOMENOLÓGICO

Resumen

Este artículo tiene como objetivo comprender la esencia antropológica de los conceptos de mediación implícita y explícita, basándose principalmente en la investigación de Oswaldo Francisco Almeida Júnior bajo un sesgo fenomenológico. Es una investigación teórica y bibliográfica de carácter exploratorio-descriptivo, con un enfoque cualitativo. y procedimiento metodológico basado en la construcción de conocimiento científico producido por Telma Cristiane Sasso de Lima y Regina Célia Tamasso Mioto que fundamentan tres fases del análisis de la investigación: investigación de soluciones, análisis explicativo y síntesis integradora, utilizando como referencia teórica lo producido por los investigadores, como Oswaldo Francisco de Almeida Júnior, Sueli Bortolin, João Arlindo dos Santos Neto, Angela Ales Bello y Giovanni Reale. En el proceso investigativo se percibe la manifestación del fenómeno estudiado teóricamente a través de la investigación bibliográfica y a través de la práctica ejemplificada a través de un informe sobre el contexto didáctico-pedagógico del estudio de las leyendas como acción cultural, que se manifiesta en una esencia antropológica, como, Tanto la mediación informativa como la información sólo tienen su existencia y la manifestación fenomenológica de su ser, en una experiencia informacional en la interacción de las personas humanas, en los sujetos involucrados en el proceso de mediación informativa. El fenómeno de la mediación informativa se entiende a través de la experiencia fenomenológica como un acto antropológico. El trabajo permitió identificar el estudio de la mediación informativa a partir del análisis e incorporación de elementos de la antropología filosófica y la fenomenología, entendiendo que el centro de las acciones informacionales es la persona humana. La investigación podrá contribuir al proceso de enseñanza-aprendizaje en los campos de las Ciencias de la Información y la Biblioteconomía, así como al desarrollo de procesos de mediación de la información y de nuevas y futuras investigaciones.

Palabras clave: Mediación de la información. Mediación implícita. Mediación explícita. Fenomenología. Antropología filosófica.

1 INTRODUÇÃO

Almeida Junior e Bortolin (2007) discorrem que a mediação da informação é uma ação do profissional da informação que se caracteriza por ser uma interferência, em um âmbito de singularidade e pluralidade, individualidade e coletividade, ampliando sua complexidade para além da conceitualização e da disseminação. Assim, permeia todo o desenvolvimento das atividades do profissional da informação. Desse modo, a

Mediação da informação como toda ação de interferência é realizada pelo profissional da informação, direta ou indireta, consciente ou inconsciente, singular ou plural, individual ou coletiva, que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional (Almeida Junior; Bortolin, 2007, p. 6).

Almeida Junior (2009) reflete que o conceito de mediação faz parte do próprio objeto da área da Ciência da Informação. Enfatiza que o objeto de estudo deixa de ser a informação em si e passa a ser a mediação dela, ao reconhecer a importância da mediação. Ampliando o conceito além da informação registrada, pode ser dividida em mediação explícita e mediação implícita. De forma geral, o conceito de mediação está ancorado em outros conceitos que dão suporte e sustentação teórica ao processo proposto. Entre eles, poderíamos citar: a concepção de interferência, a concepção de que as ações do profissional da informação não são neutras e imparciais, a concepção de apropriação de informação e necessidade informacional e as ideias de ambiência e conflitos.

Mediação implícita é um conceito que se refere a uma ação do profissional da informação que, segundo Almeida Júnior (2009), ocorre quando o profissional da informação não tem contato direto com o usuário, mas influencia sua busca e o uso da informação por meio da organização, seleção, indexação e disseminação dos documentos. De acordo, com Almeida Junior e Santos Neto (2017), esse conceito abarca e compreende vários trabalhos na práxis do profissional da informação em seu processo de mediação da informação, por exemplo: o desenvolvimento de coleções; processamento técnico; conservação/restauração; biblioteca digital, entre outros serviços e produtos das unidades de informação, que “[...] ocorrem nas atividades meio, como a aquisição, o processamento técnico, etc.” (Almeida Junior; Bortolin, 2007, p. 5).

A mediação está presente de forma implícita, muito embora dirigindo e norteando todas as atividades ali desenvolvidas. O armazenamento de informações é alimentado a partir de interesses e demandas dos usuários. A política de seleção, amplamente discutida no desenvolvimento de coleções, tem o usuário final como base de sustentação. O mesmo se dá com os trabalhos de processamento das informações: têm suas ações voltadas para a recuperação de informações que atendam e satisfaçam necessidades dos usuários (Almeida Junior, 2009, p. 4).

Mediação explícita é uma ação de interferência direta do profissional da informação com o usuário. Acontece na medida em que o profissional da informação tem contato com o usuário: “[...] ocorre nos espaços em que a presença do usuário é inevitável, é condição *sine qua non* para sua existência” (Almeida Junior, 2009, p. 4), mediante serviços de referência e atendimento, educação, promoções culturais¹ que acontecem nas unidades informacionais, nas bibliotecas e nos espaços informais de/em atendimento ao usuário. Dessa forma, “[...] exige a presença do usuário, a interação entre o profissional bibliotecário e o usuário neste caso é fundamental” (Almeida Junior; Santos Neto, 2014, p. 112). De maneira geral,

A mediação implícita, ocorre nos espaços dos equipamentos informacionais em que as ações são desenvolvidas sem a presença física e imediata dos usuários [...]. A mediação explícita, por seu lado, ocorre nos espaços em que a presença do usuário é inevitável, é condição *sine qua non* para sua existência, mesmo que tal presença não seja física, como, por exemplo, nos acessos à distância em que não é solicitada a interferência concreta e presencial do profissional da informação (Almeida Junior; Santos Neto, 2017, p. 258).

Sobre os conceitos de interferências e apropriação da informação, os profissionais da informação, em seu campo de atuação, em suas unidades informacionais, dentre as quais podemos citar os bibliotecários e as bibliotecas, atuam por meio de ações de mediações implícitas e explícitas, propõem a projeção de ideias alternativas elaboradas em planejamento das atividades efetuadas, tanto nos processos de mediação implícita, quanto em atividades desenvolvidas na mediação explícita (Almeida Junior, 2020).

A mediação da informação, como conceito, não é somente uma transmissão informacional, mas, “[...] acredita-se, porém, que mediação é mais que somente uma ‘ponte transmissora’” (Almeida Junior; Santos Neto, 2014, p. 100), um processo que envolve plenamente e de forma complexa os sujeitos: sujeito mediador da informação e os sujeitos singulares ou coletivos. Portanto, “[...] a mediação da informação não é um trabalho que acontece momentaneamente, em um espaço definido de tempo, em um único ambiente. Ela é um processo e por esse motivo sua existência é contínua” (Almeida Júnior, 2018, p. 82).

Da mesma forma, podemos afirmar que, no processo de mediação, não há uma neutralidade pura, o que é evidenciado pela interferência dos processos informacionais, essa “[...] existência da interferência. É ela constante e indissociada do fazer do profissional da informação” (Almeida Junior, 2009, p. 5), o que acontece tanto na forma implícita, quanto na forma explícita da mediação. Essa interferência ocorre, por exemplo, diretamente na pesquisa

¹ “Para nós da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, o conceito com o qual trabalhamos é o que entende cultura vinculada a uma concepção antropológica. [...] a ideia de cultura é a de algo que vem sendo construído historicamente e sempre vinculado à sociedade, às transformações, mudanças, alterações sociais” (Almeida Júnior, 2018, p. 52).

do usuário, nas escolhas das bases informacionais e bibliográficas, no processo de desenvolvimento de coleções que permeia as diversas perspectivas sociais, econômicas e culturais.

A mediação da informação não é passiva, é uma ação de interferência, acompanha todo o fazer do bibliotecário, ainda que indireta e inconscientemente. Ela não é neutra, não pode ser imparcial, o bibliotecário deve assumir seu papel e não simplesmente esperar que os usuários busquem a informação somente ao se depararem com uma necessidade informacional (Almeida Junior; Santos Neto, 2014, p. 101).

O profissional de informação carrega consigo sua bagagem histórica, social e cultural no desafio para uma vivência da imparcialidade e neutralidade proposta por sua atuação profissional, portanto deve estar ciente de sua historicidade, que deve ser aplicada para que a mediação atenda às necessidades do usuário, para pôr uma aplicabilidade de mediação para que os atendimentos e serviços tenham relação com a universalidade que a própria informação exige. Nessa dinâmica, a “[...] interferência não deve ser negada, mas, sim, explicitada, afirmada, tornada consciente para que, criticamente, o profissional possa lidar com ela de maneira a amenizar, minimizar possíveis problemas que dela decorram” (Almeida Junior, 2009, p. 5).

Objetivamos, com este estudo, compreender a essência antropológica dos conceitos de mediação implícita e explícita, principalmente, com base nas pesquisas de Oswaldo Francisco Almeida Júnior sob um viés fenomenológico. Trata-se de uma pesquisa teórica e bibliográfica de caráter exploratório-descritivo, com uma abordagem qualitativa, tendo como referencial teórico o que foi produzido por pesquisadores como Almeida Junior (2007, 2009, 2014, 2015, 2017, 2018), Bortolin (2007), Santos Neto (2017), Bello (2006), Reale e Antiseri (2003, 2006). Fundamentamo-nos nos critérios do referencial teórico e em uma prática vivencial, descrita e analisada em um relato de experiência, contribuindo para o desenvolvimento de uma síntese integradora.

A pesquisa se justifica pela intencionalidade de encontrar a essência antropológica da mediação da informação, compreendendo esse fenômeno como um ato antropológico em que a existência da mediação da informação e da própria informação se torna possível na interação das pessoas humanas e em suas interações informacionais, com a contribuição da incorporação de elementos da Antropologia Filosófica e da Fenomenologia aos conceitos de mediação da informação.

Trata-se de um procedimento metodológico baseado na construção do conhecimento científico produzido por Lima e Mioto (2007) que consubstanciam três fases de análise desta

pesquisa: investigação das soluções, análise explicativa e síntese integradora. A pesquisa teve a aplicabilidade de uma abordagem do método fenomenológico, mantendo uma atitude reflexiva e teórica, conforme proposto por Bello (2006) e pesquisado por Pereira e Moreira (2024, p.10).

1. Primeira etapa – a busca do sentido dos fenômenos: a redução eidética (suspensão e imersão: observação da vivência da leitura dos conteúdos intencionais propostos na pesquisa e na prática educacional na biblioteca escolar);
2. Segunda etapa – sujeito que busca o sentido: a redução transcendental – atos da consciência:
 - a) O primeiro nível de consciência: nível dos atos perceptivos (vivência do ato),
 - b) O segundo nível de consciência: nível dos atos reflexivos (vivência reflexiva e conceitual).

2 A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E O PROBLEMA DA SUA ESSÊNCIA ANTROPOLÓGICA EM UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA

A mediação da informação não pode ser pensada de forma simplista e fracionada nas esferas e nos campos que o profissional da informação realiza sua práxis de trabalho. Implica uma análise mais ampla e mais integral do fenômeno – profissional da informação, mediação da informação, apropriação, usuário e conflitos – não devendo ser analisada apenas como um agente de transmissão de informações; é um pensamento reduzido, pois a mediação pode alcançar uma complexidade de fatores que vão além da recuperação e da transmissão da informação.

Mediante o conceito de ambiência, as unidades informacionais, entre elas a biblioteca, devem adaptar os seus serviços e produtos a seu espaço físico, mas pensar além deste, pois a mediação informacional permite uma ampliação espacial das paredes físicas, podendo chegar a pontes de mediação de acordo com os objetivos e metas projetados em planejamento pelo profissional da informação e a especificidade da própria unidade de informação.

Essa ampliação espacial, para além do que está posto, contribui para considerar as unidades informacionais e bibliotecas como um espaço dinâmico e flexível, que pode se adequar às diferentes demandas e perfis de usuários, com a atualização dos meios de comunicação, promovendo as informações em ambientes virtuais relevantes, como as redes sociais e plataformas digitais. Podemos também ampliar a ideia para os eventos culturais, gerando novos conhecimentos, visando ao desenvolvimento cultural e social.

A mediação, portanto, só se dá em um processo, envolvendo sujeitos e situações, que despertam novas necessidades e, conseqüentemente, novas mediações. Ao utilizar o **termo ambiência, refere-se a ela sendo física ou virtual** (de um arquivo, biblioteca ou museu) (Almeida Junior; Santos Neto, 2017, p. 257, grifo nosso).

Ponto importante é a visão da informação como um construto em desenvolvimento. A informação vai sendo ressignificada e interpretada. Em seu contato com os usuários, vai se tornando informação reinterpretada em um processo contínuo de construção interpretativa, de desenvolvimento e produção de conhecimentos. A informação vai ganhando dimensões interpretativas na subjetividade do usuário. A própria informação se abre para novas perspectivas, novas ressignificações, portanto a informação se torna receptiva ao usuário.

Segundo Duarte (2009), a informação atravessa um processo de objetividade e subjetividade, mediante a atribuição de significados das vivências da realidade que são manifestas e apreendidas em inúmeros canais informacionais de forma objetiva, nos quais o sujeito interpretante, que é o receptor da informação, a ressignifica, trazendo alterações de conhecimentos, gerando desenvolvimento individual e coletivo, criando novos conhecimentos, problemas, indagações e novas demandas informacionais, e realimentando, de forma contínua, a informação em uma dimensão individual, coletiva e global.

A informação alocada na unidade informacional é uma quase informação. É no processo de mediação e na apropriação do usuário que ela será transformada e terá a sua ressignificação para se tornar uma informação momentânea em função de uma necessidade que foi posta. Portanto, é uma informação em construção no momento que essa informação passa por seu fluxo informacional, mediante o processo de disseminação. Dessa forma, na mediação da informação em seu núcleo central – profissional da informação e usuário – a informação adquire o seu significado, manifesta-se como um fenômeno e temos em ato **o ser da informação**, pois o usuário apreende e capta a informação como um fenômeno objetivo, então, ela mesma passa por um processo de autoconstrução na subjetividade do usuário, fazendo-se parte dele para também possibilitar a sua autoformação.

De acordo com Reale e Antiseri (2003), os conceitos de ato e potência são fundamentais para se compreender a realidade e a mudança das coisas. O ser em ato em sua forma caracteriza o ser realizado, mas, em função de sua materialidade, é potencialidade, é potência, é a capacidade de se transformar, de ser o que ainda não é, mas poderá ser.

Para Chauí (2000, p. 279), “[...] ato: é a atualidade de uma matéria, isto é, sua forma num dado instante do tempo; o ato é a forma que atualizou uma potência contida na matéria” e “[...] potência: é o que está contido numa matéria e pode vir a existir, se for atualizado por alguma causa” (p. 279). Segundo Sberga (2014), explicando os conceitos aristotélicos, a potência seria possibilidade de uma mudança qualquer. O conceito de ato sinaliza o ser em uma consistência atual, mas o mesmo ato terá como pressuposto a potência em sua dinâmica de atualização contínua.

A informação disseminada na mediação pelo profissional da informação em ato tem uma forma, porém a informação, ao estar em contato com os usuários, é potência, porque, nesse processo, é transformada e ressignificada, produzindo novos conhecimentos e novas informações. A informação é mudança constante na mediação, na vivência subjetiva do usuário e nas suas relações intersubjetivas na coletividade e na sociabilidade.

Portanto, a mediação da informação é um fenômeno vivencial de uma ação de interferência, mediante um processo realizado pelo profissional da informação em um planejamento de aplicabilidade dos equipamentos informacionais, em uma ambiência espacial complexa e ampla nas dimensões de singularidade, individualidade e coletividade. Dessa forma, promove ao usuário a apropriação da informação que satisfaça parcialmente e de maneira momentânea uma necessidade informacional, gerando conflitos singulares e coletivos e abrindo-se para novas necessidades informacionais (Almeida Júnior, 2007, 2009, 2014; Santos Neto, 2014; Bortolin, 2007).

Figura 1 - Fluxo de Mediação da Informação



Fonte: Dos autores (2024) com base em Almeida Junior (2007, 2009) e Bortolin (2007).

A informação proporciona a geração de mais dúvidas. Esse fenômeno, conceitualmente classificado como um conflito, contribui com o sujeito que recebe a informação, levando a uma reflexão conceitual da mesma informação disseminada e mediada, produzindo novos conhecimentos, novas demandas, necessidades informacionais e direcionando para novos conflitos.

Segundo Almeida Junior (2009), a informação é empregada como criadora de conflitos, viabilizando a transformação do conhecimento. A informação não extingue as dúvidas ou incertezas, pois é direcionada para ressignificações e reconstruções teóricas do conhecimento. Ela, em si, traz uma abertura para a inquietação do sujeito, portanto de conflitos. A informação se autoconstrói no indivíduo, na medida em que ele mesmo se autoconstrói e se autoforma em sua singularidade, por meio da exterioridade coletiva da

informação, pois a apropriação da informação e a geração de conhecimento são dependentes da dimensão coletiva, social e cultural.

2.1 VIVÊNCIA DE PRÁTICA EDUCACIONAL NA BIBLIOTECA ESCOLAR

Como forma de exemplificar o exposto, percebemos, pensar em uma aplicabilidade de análise fundamentada no método fenomenológico, na busca do sentido do fenômeno: na redução eidética (suspensão e imersão: observação da vivência da atividade), com uma segunda etapa na redução transcendental na busca do sentido pelo primeiro nível dos atos perceptivos (vivência do ato) e no segundo nível dos atos reflexivos (vivência reflexiva e conceitual), tendo como base a teoria dos conceitos de mediação da informação em Oswaldo Francisco Almeida Júnior.

O fenômeno a ser apreendido foi a práxis da mediação da informação por meio do profissional da informação, bibliotecário, na biblioteca escolar em colaboração com professores em uma unidade de ensino fundamental. Desse modo, o contexto didático-pedagógico constitui-se de um estudo de lendas como ação cultural, com turmas de 6º ao 9º anos, atividade mediada pelo bibliotecário, contribuindo com os professores. As etapas das atividades foram desenvolvidas parte em sala de aula e outras na biblioteca escolar, o que pode ser contemplado, na sequência didática, em quatro etapas, a saber:

- a) seleção do acervo temático e específico disponibilizado para a atividade;
- b) escolha dos textos pelos alunos juntamente com o professor;
- c) estudo da literatura e sua importância para a cultura e sociedade;
- d) apresentação teatral por meio do teatro de palítoches.

A mediação implícita ocorre quando o profissional da informação não tem contato direto com o usuário, mas influencia a sua busca e o uso da informação por meio da organização, seleção, indexação e disseminação dos documentos. Neste caso será contemplada a primeira etapa da sequência didática.

O contexto didático-pedagógico, em sua primeira etapa – seleção do acervo temático e específico – foi disponibilizado para a atividade. Nesse primeiro momento, foi necessário que o bibliotecário realizasse a seleção de livros que seriam utilizados. Nesse passo, a mediação está evidenciada de forma implícita, no momento da escolha dos materiais que farão parte da atividade proposta do acervo da biblioteca. Esse conteúdo foi previamente analisado, catalogado no sistema gerenciador de acervo da biblioteca, identificado como literatura

infantojuvenil no gênero literário folclore. Está organizado com base na representação temática e representação descritiva, favorecendo a seleção de materiais de acordo com o ano escolar a ser trabalhado.

Quadro 1- Acervo temático para a atividade proposta

Tipos de lendas	Ano escolar
Livros de lendas capixabas	6º e 7º anos
Livros de lendas diversas do mundo	8º e 9º anos

Fonte: Dos autores (2024).

Almeida Junior (2014, p. 111) comenta que “[...] as ações de organização do conhecimento e da informação estão diretamente relacionadas com a mediação da informação”, pois as ações de mediação ocorrem independentes da presença do usuário em bibliotecas.

A ação da mediação da informação implícita é um processo com a presença de sujeito mediador. O profissional da informação manifesta o fenômeno do ser da mediação da informação e da própria informação. A informação, nesse processo, é identificada por meio das representações: temática e descritiva. O profissional da informação descreve o conteúdo temático e os pontos de acesso da informação, realizando o tratamento técnico, para sua organização, recuperação, disseminação e uso. Esse processo é intermediário e mediador da informação para posterior acesso do usuário.

Percebemos que todo o processo proposto tem como foco a manifestação do fenômeno que é a informação direcionada para os usuários, contemplando a pessoa humana como fim da ação da mediação. Esta etapa de mediação implícita é fundamental para a sequência didática posterior, com a mediação explícita, ação de interferência direta do profissional da informação com o usuário o que acontece na medida em que o profissional da informação tem contato com o usuário, por meio de serviços de referência e atendimento, entre outras atividades desenvolvidas, que serão contempladas na segunda, na terceira e na quarta etapas da sequência didática.

Na segunda etapa, o bibliotecário, em contato direto com o professor e alunos, disponibilizou os livros que seriam escolhidos. Os alunos, juntamente com o professor, fizeram as escolhas das lendas. Nesta etapa, o bibliotecário explicou a relevância desse acervo para a biblioteca e indicou a diversidade cultural dos textos, sinalizando a importância das lendas para a sociedade e para a cultura dos povos.

Na terceira etapa, houve uma diversificação de uso de espaços para o estudo proposto, acontecendo algumas atividades em sala de aula e outras no espaço da biblioteca. É importante compreender como as culturas diversas têm explicações mitológicas populares para as diferentes situações da vida e os estados da natureza. A diversidade de lendas no acervo gerou conhecimento multicultural dos povos, pois “[...] a biblioteca escolar atende a um público curioso pelas coisas da vida” (Sales, 2004, p. 56).

Na quarta etapa, ocorreram algumas fases internas, pois se tornaram necessários: a) um trabalho de resumo das lendas selecionando pontos importantes que seriam direcionados para a dimensão teatral; b) o processo de construção dos palitoches e cenários de fundo para a apresentação dos teatros, o que demandou tempo para o ato construtivo; c) a apresentação dos grupos de alunos, conforme as lendas escolhidas.

Na sequência didática em suas etapas, segunda, terceira e quarta, evidenciamos o fenômeno da mediação explícita com o papel mediador do bibliotecário como profissional da informação, de forma colaborativa, juntamente com o professor. Percebemos que, pela ação da mediação da informação – com a presença de sujeitos: o profissional da informação (bibliotecário), os usuários da informação (professor e alunos), a manifestação do ser da mediação da informação e a própria informação, com a inserção do elemento conflito – a existência do ser será da potência ao ato, do ato à potência de forma contínua, pois toda a informação apropriada nesse processo é transformada em conhecimento, é criadora de conflitos, de inquietações, que irão contribuir para novas produções de conhecimentos e novas demandas informacionais.

Assim, tanto a mediação da informação, quanto a informação adquirem em ato momentâneo, significados e são, potencialmente, fonte de novas necessidades, novas mediações e novas ressignificações informacionais. Dessa forma, percebemos que todo o processo proposto tem como foco a manifestação do fenômeno, o direcionamento da mediação da informação para os usuários, a pessoa humana em sua interação objetiva e subjetiva mediante a ação da mediação.

2.2 SÍNTESE INTEGRADORA DA REDUÇÃO TRANSCENDENTAL: VIVÊNCIA REFLEXIVA E CONCEITUAL

Portanto, analisamos a percepção da mediação da informação em seus conceitos de mediação implícita e explícita, nas obras de Oswaldo Francisco Almeida Júnior, e suas perspectivas antropológicas, voltando-se para a própria manifestação do fenômeno em uma

vivência da leitura dos conteúdos intencionais propostos na pesquisa e vivência de prática educacional na biblioteca escolar em seu contexto didático-pedagógico. Verificamos, então, que os sujeitos são a parte essencial de todo o processo, que a existência da mediação da informação e da informação é somente com a presença da pessoa humana, pois a pessoa humana está no núcleo fundamental do processo de mediação da informação.

O fenômeno proposto para essa vivência se caracteriza em sua complexidade e diversidade conceitual, partindo da própria informação, que não existe como ser, fora da interpretação e ressignificação humana. A informação em si mesma se manifesta como uma ação antropológica, na qual a pessoa humana gera significados na medida que o fluxo informacional transita entre os sujeitos envolvidos.

A base conceitual refletida na pesquisa de Oswaldo Francisco Almeida Júnior o processo de mediação da informação com os sujeitos envolvidos, a apropriação, os conflitos, em uma perspectiva antropológica, contribuem para a reflexão da pessoa humana em sua dimensão de singularidade e em sua interação intersubjetiva na dimensão coletiva e cultural. Assim, encontramos o fenômeno da sociabilidade, da dimensão social. De acordo com Mondin (1980), na sociabilidade, a pessoa humana, os seres humanos vivem juntos, comunicam-se e participam das experiências da vida.

O homem é essencialmente sociável, sozinho não pode vir a este mundo, não pode crescer, não pode educar-se, sozinho não pode nem ao menos satisfazer suas necessidades reais elementares nem realizar as suas aspirações mais elevadas, ele pode obter tudo isso apenas em companhia dos outros (Mondin, 1980, p.160).

A assimilação e apreensão do fenômeno propõem que a base do conceito, em um viés antropológico, fundamentado nesse encadeamento: profissional da informação – interferência da mediação da informação, apropriação, usuário e conflitos – tem a pessoa humana como elemento central, tornando-se meio e fim de todas as ações previstas e aplicadas. Sem o conceito de pessoa, a própria mediação fica inexistente (em sentido aristotélico do que poderia ser em ato). É somente na vivência humana que a mediação da informação tem seu sentido e/ou essência, portanto o seu ser.

Na vivência reflexiva e conceitual, o fenômeno se manifesta como ser existencial, tanto em uma dimensão singular, quanto coletiva, tendo a sua aplicabilidade em conceitos antropológicos, como indivíduo, sociedade e cultura, em um ciclo contínuo, no qual a própria pessoa humana singular (sujeito singular), a própria sociedade (sujeito coletivo) e a própria informação se manifestam em autoconstrução e desenvolvimento existencial.

Percebemos, então, que a ação e a inação da mediação da informação, como processo mediado e ressignificado por pessoas humanas, ou seja, com os sujeitos envolvidos no fluxo –

profissional da informação, interferência, mediação da informação, apropriação, usuário e conflitos – se apresentam em uma possível compreensão da mediação da informação sob um viés do método fenomenológico, de apreender o sentido ou essência do fenômeno:

- a) **A inação da mediação** da informação como processo e a **ausência de sujeitos** estão em relação **ao não ser da existência** da mediação da informação e da informação;
- b) **A inação da mediação da informação** como processo, **com a presença de sujeitos**, está em relação **ao ser em potência da existência** da mediação da informação e da informação;
- c) **A ação da mediação da informação** como processo, com a **presença de sujeitos**, é geradora do **ser da mediação da informação e da informação**.

Quadro 2- Uma possível compreensão da mediação da informação em uma abordagem fenomenológica

Processo	Sujeitos envolvidos (mediadores e usuários)	Existência da mediação da informação e da própria informação
Inação – Mediação da Informação	Ausência de sujeitos	O não ser
Inação – Mediação da Informação	Presença de sujeitos	O ser em potência
Ação – Mediação da Informação	Presença de sujeitos	O ser em ato

Fonte: Dos autores (2024), com base em: Bello (2006) para a aplicabilidade interpretativa de um viés do método fenomenológico; Reale e Antiseri (2003, p. 195-203) conceitos de ato e potência; e Almeida Junior (2007, 2009, 2014, 2015, 2017) conceitos de mediação da informação.

Outro problema que podemos apreender e questionar é: se a mediação da informação e a própria informação, **em ação e com a presença de sujeitos**, na qual se manifesta o processo da **existência da mediação da informação e da informação**, é um ser em ato com possíveis potências? A princípio, a resposta seria sim, pois são pessoas humanas em construção e formação, envolvidas no núcleo central da mediação da informação. Com base na ideia de Conflito de Almeida Junior e Santos Neto (2017):

A apropriação abre caminhos para o último **elemento incorporado à definição, o conflito**, pois, acredita-se que a informação e a mediação dela não dirimem dúvidas, não preenchem lacunas, mas despertam outras dúvidas, suscitam novas necessidades informacionais, gerando novos conflitos (Almeida Junior; Santos Neto, 2017, p. 257, grifo nosso).

Podemos propor que a mediação da informação e a informação, em ação e com a presença de sujeitos, estão em uma mudança constante e contínua do ato à potência, pois a mediação da informação sempre será geradora de novas dúvidas e de novas necessidades de informação e, assim, temos novos conflitos. Portanto, a ideia de conflito será uma manifestação de potência para mediação da informação, que “[...] causam conflitos em nosso conhecimento. Aparentemente, o conhecimento está organizado, equilibrado, mas, uma nova

informação nos faz pensar, refletir e exige posturas frente ao novo, ao desconhecido” (Almeida Júnior, 2018, p. 84).

- ☐ A **ação da mediação da informação**, com a **presença de sujeitos**, é geradora do **ser da mediação da informação e da informação**. Assim, com a inserção do elemento **conflito**, a **existência do ser será da potência ao ato, do ato à potência** de forma contínua.

Quadro 3- Uma possível compreensão da mediação da informação em uma abordagem fenomenológica e a inclusão do conceito de conflito

Processo	Sujeitos envolvidos (mediadores e usuários)	Conflitos (nos sujeitos)	Existência da mediação da informação e da informação
Ação – mediação da informação	Presença de sujeitos	Constantes e contínuos	O ser em potência ao ato – do ato à potência de forma contínua.

Fonte: Dos autores (2024), com base em: Bello (2006) para a aplicabilidade interpretativa de um viés do método fenomenológico; Reale e Antiseri (2003, p. 195-203) para conceitos de ato e potência; e Almeida Júnior (2007, 2009, 2014, 2015, 2017) conceitos de mediação da informação.

Portanto, a mediação da informação apresenta-se em suas dimensões implícita e explícita, analisada mediante um viés antropológico e fenomenológico, da mesma forma problematizando os conceitos de interferência, apropriação e conflito. A pessoa humana e os sujeitos envolvidos são o fundamento de toda ação do profissional da informação, o sentido e essência do ser do processo de mediação da informação e da própria informação em si. A aplicabilidade teórica e a prática apontam para os sujeitos. Dessa forma, “[...] a mediação, portanto, só se dá em um processo, envolvendo sujeitos e situações, que despertam novas necessidades e, conseqüentemente, novas mediações” (Almeida Júnior; Santos Neto, 2017, p. 258). Nesse sentido, a mediação da informação é um ato antropológico: “[...] o profissional da informação [...] passa a ser entendido em uma outra esfera, em um outro estrato profissional, o daqueles que fazem história, são sujeitos na sociedade e participam efetivamente da construção do destino da humanidade” (Almeida Júnior; Bortolin, 2007, p. 8).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho consistiu em compreender como a mediação implícita e a explícita da informação, sob um viés fenomenológico, problematizaram a investigação: se os conceitos de mediação se manifestam com uma essência antropológica, tendo a pessoa humana no centro do processo de mediação da informação. Durante a pesquisa, buscamos a

aplicabilidade de uma atitude reflexiva para distinguir os objetivos e finalidades dos conceitos de mediação implícita e explícita, analisando-os em suas perspectivas antropológicas.

Percebemos a manifestação do fenômeno estudado de forma teórica e prática a partir de uma vivência descrita em um relato de contexto didático-pedagógico. Ambas as formas se manifestam em uma essência antropológica, pois tanto a mediação da informação, quanto a informação só possuem sua existência e a manifestação do seu ser em uma vivência informacional na interação de pessoas humanas, nos sujeitos envolvidos no processo da mediação da informação, de modo singular ou coletivo. O fenômeno da mediação da informação é apreendido como um ato antropológico.

O trabalho possibilitou uma base teórica para o estudo da mediação da informação, mediante a análise e a inclusão de elementos da Antropologia Filosófica e da Fenomenologia, compreendendo que o centro das ações informacionais está na pessoa humana. Dessa forma, a pesquisa poderá contribuir para o processo de ensino-aprendizagem nos campos da Ciência da Informação, Biblioteconomia e também no desenvolvimento dos processos de mediação da informação para novas e futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi e revisão da tradução e tradução dos novos textos de Ivone Castilho Benedetti. 52 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de; BORTOLIN, S. Mediação da informação e da leitura. In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2. , 2007, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277769128_Mediacao_da_Informacao_e_da_Leitura . Acesso em: 14 set. 2023.

ALMEIDA JUNIOR, O. F. de; SANTOS NETO, J. A. dos. Mediação da informação e a organização do conhecimento: inter-relações. **Informação & Informação**, v. 19, n. 2, p. 98-116, 2014. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/16716/pdf_25 . Acesso em: 14 set. 2023.

ALMEIDA JUNIOR, O. F. de. **O bibliotecário e a mediação da informação**: Oswaldo Francisco de Almeida Junior. YouTube, 31 jul. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GFdeZw9s57k&t=43s> . Acesso em: 24 set. 2023.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. **Bibliotecário**: formação e campo de atuação profissional. Brasília, DF: Capes, 2018 (Elaborado para o Curso de Bacharelado de Biblioteconomia a Distância). Disponível em: <http://www.repositorio.bibead.ufrj.br/repbibead-disciplinadd.php?dis=11>. Acesso em: 24 set. 2023.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. **Biblioteconomia e sociedade**: Brasília: Capes 2018. (Elaborado para o Curso de Bacharelado em Biblioteconomia na Modalidade a Distância. Brasília). Disponível em: <http://www.repositorio.bibead.ufrj.br/repbibead-disciplinadd.php?dis=13>. Acesso em: 24 set. 2023.

ALMEIDA JUNIOR, O. F. de. **Live sobre “Mediação da Informação**: interferências e apropriação da informação”. YouTube, 10 maio. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Vd5We9vWPss&t=3203s>. Acesso em: 29 set. 2023.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/170/170> . Acesso em: 14 set. 2023.

ALMEIDA JUNIOR, O. F. de. Mediação da informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A. dos; SILVA, R. J. da (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: Abecin, 2015.

BELLO, A. A. **Introdução à fenomenologia**. Tradução de Jatinta Turolo Garcia e Miguel Mahfoud. Bauru, SP: Edusc, 2006.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Átila, 2000.

DUARTE, A. B. S. Ciclo informacional: a informação e o processo de comunicação. **Em Questão**, v. 15, n. 1, p. 57-72, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/11120>. Acesso em: 3 set. 2023.

LIMA, T. C. S. de; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**, Florianópolis, v. 10, p. 35-47, 2007. Número especial. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rk/a/HSF5Ns7dkTNjQVpRyvhc8RR/?lang=pt> . Acesso em: 22 abr. 2023.

MONDIN, B. **O homem, quem é ele?**: elementos de antropologia filosófica. Tradução de R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari. São Paulo: Paulus, 1980.

PEREIRA, G.; MOREIRA, W.B. A biblioteca escolar: ato pedagógico por meio de uma vivência empática em uma perspectiva antropológica e fenomenológica. **Logeion: Filosofia da Informação**, v. 10, n. 2, e-6962, maio 2024. Disponível em:
DOI:<https://doi.org/10.21728/logeion.2024v10n2e-6962>. Acesso em: 20 mai. 2024

REALE, G; ANTISERI, D. **História da filosofia**: de Nietzsche à Escola de Frankfurt. São Paulo: Paulus, 2006.

REALE, G; ANTISERI, D. **História da filosofia**: filosofia pagã antiga. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.

SALES, F de. O ambiente escolar e a atuação bibliotecária: o olhar da educação e o olhar da biblioteconomia. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, [S. l.], v. 9, n. 18, p. 40-57, 2004. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2004v9n18p40>. Acesso em: 6 out. 2023.

SANTOS NETO, J. A. dos.; ALMEIRA JÚNIOR, O. F. de. O caráter implícito da mediação da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 27, n. 2, 2017.
DOI: 10.22478/ufpb.1809-4783.2017v27n2.29249 . Disponível em:
<https://brapci.inf.br/index.php/res/download/95956>. Acesso em: 22 set. 2023.

SBERGA, A. A. **A formação da pessoa humana em Edith Stein**: um percurso de conhecimento do núcleo interior. São Paulo: Paulus, 2014.